

## DA INTERNET ENCANTADA AO DISCURSO POLIFÔNICO

Pedro Arthur Nogueira<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a internet, encanta e líquida, e o discurso presente em diversas publicações nas redes sociais digitais. Pretendo promover um diálogo entre os ensaios sociológicos de Maffesoli, e Bauman, e as teorias Bakhtinianas sobre o discurso, dialogia e polifonia. Refletir sobre a individualização da nossa sociedade contemporânea e o reflexo que isso traz na relação do indivíduo em seu tempo. O encantamento convive com o líquido, o eterno movimento, os elos frágeis afetados pela polifonia existente nesse cenário.

**Palavras-Chave:** Internet. Redes sociais digitais. Sociologia compreensiva. Encantamento. Discurso.

### A internet encantada

Dois passos são fundamentais para iniciarmos a discussão que proponho com esse artigo. O primeiro deles é a concepção de encantamento e a segunda a internet. Esse texto justifica sobre a realidade da internet, bem como o encantamento que ela causa.

Maffesoli costuma, em seus ensaios, explicar a pós-modernidade como apenas um tempo que está depois da modernidade. Maffesoli, sobre a pós-modernidade, defende: “que estamos entrando em um novo paradigma cultural deixando para trás os traços da chamada modernidade, onde destacaram-se a estrutura mecânica, a organização econômica e política, os indivíduos e os grupos contratuais” (Maffesoli, 1987)

Se traçarmos um paralelo entre esse momento de encantamento da pós-modernidade com a internet pode-se perceber a transferência desse estado encantado à rede mundial de computadores. Nosso mundo contemporâneo, com a internet, permite o inimaginável, o acesso, a simultaneidade, a quebra de barreiras, a velocidade da comunicação.

Pela definição de Levy, que para mim descreve por meio da definição de hipertexto a própria internet.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: pedrooprof@gmail.com.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficas ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode... conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p. 33)

Esse mundo descrito por Levy em 1993 era algo estranho, grandioso, em formação e desconhecido, muitos anos se passaram e quase todos, ou todos, os qualificadores citados acima ainda são aplicáveis quando denominamos o que é internet. O conhecimento do mundo WEB, de fato, expandiu-se sobremaneira, atualmente temos muitas certezas e o ambiente não é tão desconhecido assim, será?

Muitos teóricos utilizam a internet como base para seus estudos e creio que isso se deva ao fato de que ali, mais precisamente nas redes sociais digitais, está o reflexo de nossa sociedade, a face dos indivíduos da pós-modernidade. Depois de anos de estudo e imersão nesse contexto digital uma certeza se apresenta: Não é possível ter certeza de algo que muda constantemente e mostra uma nova realidade a cada ciclo de aprendizado e tal ciclo ocorre cada dia mais rápido.

As incertezas podem ser um contra-ponto às verdades absolutas da modernidade pois permite que haja algo belo e incrível no pouco, a grandeza pode estar no nada, e por meio dele que começo minha argumentação. Começo então por Diógenes de Sínope (413 - 323 a.C.) que decidiu “ser mendigo” para entender o valor do pouco e assim compreender a riqueza do vazio, a grandiosidade do pequeno.

Pequenas partes dessa web trazem uma riqueza de conteúdo e significados, permitem a compreensão do todo, da sociedade, do indivíduo e de nossa época. Sendo a Internet um arcabouço de pequenas notáveis riquezas tem-se então um novo mundo a explorar; a cada nova parte uma descoberta uma incerteza, um novo caminho. O olhar encantado de Maffesoli para novo mundo, provavelmente focaria na incerteza do novo, teria o foco na internet segmentada em tribos e essas tribos são conectadas por linhas invisíveis que não deixam essas tribos isoladas, elas estão “linkadas” e isso que Levy quer dizer com o hipertexto. de certo Maffesoli vê na internet uma sociedade compreensiva: “A compreensão envolve generosidade de espírito, proximidade, “correspondência”. É justamente porque, de certo modo, ”somos

parte de tudo isso” que podemos aprender, ou presentir, as sutilezas, os matizes, as descontinuidades desta ou daquela situação social” (Maffesoli, 2007. p.49). Uma sociedade plural conectada, que troca e divide sua unidade que aprende a importância do nada.

Quando olho para esse contexto, traçado por Levy e Maffesoli, vejo o elo, vejo as conexões e vejo a importância destas conexões hipertextuais, vejo assim um novo pensamento. Trago ao diálogo outro olhar, um pouco diferente, é claro, porém complementar à ideia que rascunho de internet. O olhar de Bauman qualifica tais conexões e critica a qualidade das ligações:

Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada — ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis — não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida. (Revista Istoé, 24.Set.10)

O líquido aqui tem uma característica formidável para ser utilizado como metáfora pois tem a capacidade de assumir qualquer forma, a importância dessa característica nos mundos atuais permite um entendimento único: Caso o indivíduo não acompanhe a velocidade que a pós-modernidade nos apresenta ele se solidificará e quebrará.

A metáfora de Bauman remete à necessidade de se reinventar, de sempre ser maleável, adaptável como o líquido que assume a forma condicionada pelo habitáculo que o receba. A liquidez é boa e ruim ao mesmo tempo, há o lado negativo: das relações frágeis, da ausência de comprometimento e engajamento mútuo dos indivíduos ou de estarmos sozinhos mesmo pertencendo a uma sociedade; uma sociedade individualizada.

A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de “individualização”, assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada “sociedade”. (Bauman, 2000. p.41)

Essa individualização é compulsória e por mais dicotômica que pareça é imposta, segundo Bauman, pela liberdade de escolha.

“Na terra da liberdade individual de escolher, a opção de escapar à individualização está decididamente fora da jogada”. (Bauman, 2000. p.43)

Devo fazer aqui uma ressalva, Bauman é um olhar vivo de nosso tempo, um olhar ensaísta que busca respostas a dilemas que não tem possibilidade de serem respondidos da

forma sólida ou cientificista. A resposta, em boa parte do discurso Baumaniano, vem em duplas, dois sentidos de entendimento: O bom e o ruim.

A característica líquida de nossa sociedade encaixa com a realidade da internet, das relações promovidas pela web pós-moderna. Ainda parafraseando Bauman, nossa modernidade, a atual, se assemelha ao *software*, não ao *hardware* sólido da modernidade do século XX “No universo do *software* da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado literalmente em “tempo nenhum”; cancela-se a diferença entre “longe” e “aqui” (Bauman, 2000. p.136).

A internet promove essa realidade descrita pelo sociólogo polonês; líquida, intantânea, perto mesmo longe e mutante, assumindo novas posições e formas ao longo do tempo.

As redes sociais digitais tiveram papel vital na construção dessa realidade descrita por Bauman, o *Facebook* por exemplo é a evidência contundente dessa sociedade individualizada, da ocorrência de um indivíduo inserido em uma esfera social com papel próprio que muda a cada ciclo de sua rede, perdendo a identidade própria e a atuação social dentro de uma comunidade.

Em palestra dada à Cultura no Café Filosófico – 2011, o filósofo Luiz Felipe Pondé pernambucano/judeu dialoga com Jean-François Lyotard e sua visão da pós-modernidade no início dos anos 80, “A recusa de narrativas longas sobre as coisas”, ainda nessa palestra remete a visão de Bauman sobre a modernidade de hoje é “despertar maldito de um sonho colorido” e ao mesmo tempo “momento de esperança”, mas a metáfora que mais me identifico quando falamos da web pós-moderna é “estamos atravessando o inverno e a casca é fina, se andarmos devagar o chão racha”.

Tenho a pretensão de tentar interpretar os sinais desse novo mundo, de estabelecer um diálogo entre essa internet descrita por Bauman, Maffesoli, Levy e Pondé com o discurso existente nos *posts* publicados por esses mesmos indivíduos.

### **O discurso – Dialogismo e Polifonia**

Devo alertar para ausência de qualquer pretensão que tenho ao redigir essas linhas sobre o discurso. A linha de meu estudo é uma linha ensaísta baseada nos trabalhos dialógicos

de Bakhtin, baseado no dialogismo e na polifonia existente na sociedade e internet, baseados na forma que a aplicação desses conceitos é percebida e vista por minha forma dialógica de enxergar o mundo que me cerca.

Assim, poderia dizer que esse artigo pode provocar reações partidárias e contrárias, com a mesma intensidade e quantidade, pode, pois, a percepção que tenho do mundo é dialógica, tal qual Bakhtin e sua obra.

O conceito da relação dialógica entre eu e o outro supõe diversas dicotomias conceituais, posteriormente desenvolvidas por Bakhtin: épica/romance, oficial/não-oficial, normalidade/carnaval e monologismos/dialogismo. No interior de todas essas dicotomias o primeiro termo evoca uma relação opressora entre um eu (ou vários) e outro eu (ou vários). Essa preocupação com o eu e o outro reflete a preocupação de muitos pensadores do século XX, como Heidegger, Sartre e Lacan, mas não devemos esquecer que Bakhtin se interessou por essas questões durante duas primeiras décadas do século, muito antes dos outros. (STAM, 1992. Pag 18)

Esse dualismo que preenche a vida e a obra Bakhtin pode ser interpretado como a linha dorsal deste artigo e isso se deve ao fato de enxergar em Bakhtin uma ácida visão crítica, atemporal, podendo ser associada ao século XX tal qual, da mesma forma, associada ao século que vivemos.

Dentro desse contexto “O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 2006) e portanto o discurso não pode ser visto como algo formal, algo que possa ser dissociado do conjunto ou do meio que o mesmo tenha sido enunciado.

Dentro dessa ótica bakhtiniana o discurso é, inevitavelmente, resultado de uma troca de referências com um contexto recheado de discursos e portanto não pode ser dissociado, não pode ser uno. STAM (1992) no livro em que tem a obra de Bakhtin como objeto de estudo faz uma relação interessante entre a unicidade do ser humano e a pluralidade de uma sociedade:

Para Bakhtin, a consciência só existe na medida em que se concretiza através de algum tipo de material semiótico, seja sob a forma de “discurso interno”, seja no processo de interação verbal com os outros. Assim, Bakhtin descentraliza a consciência individual: “Os signos só podem emergir em território interindividual”. (30)

E continua

Mais do que simplesmente “tolerar” a diferença, a abordagem bakhtiniana respeita-a e até a aplaude. (15)

Devo admitir que compartilho dessa lógica dual e dialógica, não há um só indivíduo (eu), desde que inserido em um contexto com outros indivíduos (eus), que não seja impactado, ou até maculado, pela realidade do outro. O que obviamente define a relação dialógica de Bakhtin – que para esse ensaio podemos inter-relacionar com o discurso:

Bakhtin argumenta que cada um de nós ocupa um lugar e um tempo específicos no mundo, e que cada um de nós é responsável, ou “respondível” por nossas atividades. Essas atividades ocorrem nas fronteiras entre o eu e o outro, e, portanto, a comunicação entre as pessoas tem uma importância capital. O eu, para Bakhtin, não é autônomo nem monádico, o cogito autocriador de Descartes; em vez disso, existe somente em diálogo com outros eus. O eu necessita da colaboração de outros para poder definir-se e ser “autor” de si mesmo. Bakhtin acha uma analogia para essa necessidade vital do outro no domínio da biologia, onde a própria vida é definida como a capacidade de reagir a estímulos ambientais. O eu humano, por analogia, não tem existência independente; depende do meio ambiente social, que estimula sua capacidade de mudança e resposta.(17)

Claro que podemos ter inúmeras leituras do dialogismo bakhtiniano e por isso esse conceito é compartilhado por diversos pensadores, de Einstein (teoria da relatividade) à Julia Kristeva (intertextualidade), assim tem-se o extrato para dialogarmos com esse artigo: a capacidade do discurso ser alterado, modificado, parafraseado ou até parodiado por conta das propriedades polifônicas resultantes do diálogo inevitável que um discurso tem com outros discursos. A preocupação aqui reside na necessidade de trazermos esse discurso, ou conceito de, ao ambiente WEB, a internet pelo discurso, pelo dialogismo polifônico de Bakhtin.

Acrescento alguns outros conceitos de discurso, para dialogar com os que pontuei no capítulo anterior, e posteriormente, pontuarei, no capítulo sobre o discurso na web.

O discurso é o texto produzido em um lugar específico, que carrega em si as marcas das condições de sua produção. Cada grupo social, por conta de sua prática cotidiana, carrega em si um grupo particular de palavras, signos, significados, expressões; em suma um domo de pensar a partir dessas palavras. (Martino, 2012. p.121)

Ou ainda.

Discurso é uma ligação entre a criação textual e as condições sociais dessa criação. As palavras, os signos, o pensamento são dotados de vínculos sociais; o discurso é a manifestação desses vínculos na comunicação. (Martino, 2012. p.122)

### **O discurso na WEB**

Assim, posso afirmar que cada grupo social tem sua forma peculiar de expressar seus signos e pensamentos e, portanto, de produzir seu discurso. Logo, um discurso traz signos

inerentes à comunidade a qual pertence o emissor, as regras de conduta e ao espaço no qual o mesmo esteja inserido.

Há muitos personagens na web e cada um com discursos próprios e com características peculiares ao tipo de papel que cada personagem assume. Em uma análise particular encontro, dentre outros, três personagens na internet contemporânea: o usuário comum, o blogueiro hub e as marcas.

O usuário comum, em uma análise pessoal, é aquele que passeia pela internet sem compromisso, entende como funcionam os principais programas e percebe valor pelo o que a internet lhe entrega. Esse personagem é usuário típico de site de notícias e redes sociais. Tem interesses vagos e específicos ao navegar pela web: se informar e encontrar amigos.

O que denominei de blogueiro hub é o *heavy user* de redes sociais e aplicativos sociais, tem perfil em todas as redes sociais digitais existentes e fica atento com o surgimento de novas para as adotar em primeiro lugar. Tem blog, facebook, twitter, instagram, pinterest, weloveit, skype, youtube, tumblr e linkedin. Esse perfil é o que compartilha *posts*, é aquele que tem inúmeras conexões, nem metade delas conhecidas é verdade, e por meio delas transmite seus discursos, apropriados ou não.

As empresas, ao meu ver, entendem a internet como mais um canal de veiculação do discurso oficial da empresa, aliados aos já existentes rádio, televisão, revista e jornal. Esse novo meio de comunicação permitiu à empresa um novo papel, uma nova forma de interação com seus públicos. Geralmente os perfis de empresas veiculam informações institucionais e/ou relativas a produtos e promoções.

É interessante compreender que os discursos variam de acordo com o meio, com o processo de mediação envolvido na comunicação, quando falamos da web o discurso é modificado e propagado com sinais, códigos e recheados de significados (e significantes) próprios a esse ambiente. A língua, para Saussure, segundo Fiorin é:

um sistema de signos" - um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. É "a parte social da linguagem", exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade. (Fiorin,2002. p.14)

E o signo:

O signo é a união de um conceito com uma imagem acústica, que não é o som material, físico, mas a impressão psíquica dos sons, perceptível quando pensamos numa palavra, mas não a falamos. O signo é uma entidade de duas faces, uma reclama a outra, à maneira do verso e do averso de uma folha de papel. Percebem-se as duas

faces, mas elas são inseparáveis. (Fiorin,2002. p.71) (...) o signo linguístico não une um nome a uma coisa, mas um conceito a uma imagem acústica” no qual Saussure chama significado de conceito e a imagem acústica significante. (Fiorin,2002. p.58)

Para corroborar com a visão colocada por Fiorin, Pierre Levy, sobre o ciberespaço, diz que é “a interconexão disponível na internet projeta o horizonte de um ciberespaço parecido com um imenso metamundo virtual heterogêneo, em transformação permanente que manteria todos os mundos virtuais”. (Levy, 1999. p.60)

Esse metamundo virtual somado ao discurso singular - carregado de signos próprios da web e para compreendê-los depende do conhecimento dos códigos e regras que imperam no contexto - utilizado pelos ciberindivíduos cria um ambiente de constante apropriação e resignificação de signos.

A apropriação de um signo é recorrente, usual e comum na internet. A ausência de controle, que falarei com mais detalhe à frente no texto, permite a troca de signos livremente e nas redes sociais digitais, especificamente no Facebook, o signo é recheado de diversos significados e significantes pertinentes ao meio, assim uma imagem pode ser interpretada de inúmeras formas, mesmo que o *post* venha com uma “legenda conceito”, o que em tese dirime o risco de uma má interpretação, a interpretação, como resultado, pode criar uma imagem acústica imprevisível.

O fenômeno citado acima ocorre, provocados pela cultura de convergência, por conta dos códigos inseridos nesses processos midiáticos, nos quais os internautas compartilham suas ideias e as reescrevem parafraseando-as ou parodiando-as, sem muito respeito à autoria, o que importa é a capacidade de transformar o signo e algo novo, que por sua vez, desviam do signo de origem na forma de paráfrase ou paródia.

A paráfrase, e a paródia, são classificadas pela “noção de desvio” no qual a paráfrase desvia a mensagem, seu significado, minimamente; enquanto a paródia desvia totalmente o significado. A apropriação age tanto na paráfrase como na paródia - “a paráfrase é o grau mínimo de alteração do texto, e a estilização o desvio tolerável” - já a paródia, cujo desvio é total, quando apropriada leva a “transformar a obra do outro em simples objeto e para que eu realize a minha” (Santanna, 2011).

Bakhtin poderia olhar, em uma particular proposta de diálogo, o movimento líquido por meio do dialogismo “toda parte de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual

considerado isoladamente” (Bakhtin, 1980. p.182). Assim o outro é imprescindível para a concepção do indivíduo e os indivíduos de uma comunidade são definidos pelo seu estilo, criando novas formas de poder e este por sua vez pode ser referenciado, a meu ver, por Bauman ainda na Modernidade Líquida, quando traz uma referência ao Panóptico de Foucault:

No panóptico os internos estavam presos ao lugar e impedidos de qualquer movimento, confinados entre muros grossos, densos e bem-guardados, e fixados a suas camas, celas ou bancadas. Eles não podiam se mover porque estavam sob vigilância: tinham que se ater aos lugares indicados sempre porque não sabiam, e nem tinham como saber, onde estavam no momento seus vigias, livres para mover-se à vontade. (Bauman, 2001, p. 16)

A constante vigilância ou a incerteza da existência e localidade dos vigilantes é, de certa forma, recriada pela internet, pelas redes sociais digitais, o poder de supervisão e controle não é concentrado, há muitos supervisores, o ciberindivíduo é o seu próprio supervisor, ciberindivíduos supervisores de ciberindivíduos. A cada post comunicado os signos são trocados, são resignificados e a troca de poder se dá à medida que a quantidade de supervisores endossam seu signo, o poder do *like*.

A internet se apresenta de forma dialógica com que, ou melhor, o discurso não pode ser atribuído a um indivíduo isoladamente, o dialogismo constrói a concepção do indivíduo e a forma com que ele vê a sociedade, mas a internet tem diversas vozes e a mistura líquida dessas ideologias criam ideologias independentes entre si e ao mesmo tempo unidas por um processo de comunicação, portanto na comunicação percebemos um processo muito mais amplo que a mera transmissão de mensagens, é uma forma de interação social:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2004. p. 123).

## **Conclusão**

Todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Isso quer dizer que o enunciador, para construir um discurso, leva em conta o discurso do outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio. E também polifônico pela

ausência de poder centralizador e devido às múltiplas vozes ideológicas envolvidas no processo de comunicação, dessa forma o encantamento da pós-modernidade encontra no ambiente web a melhor, ou mais clara, forma de exemplificar os fenômenos de comunicação social que ocorrem no ciberespaço, e encontram nos discursos dialógicos e polifônicos a essência líquida da pós-modernidade, cujo poder troca de mão devido à quantidade de “likes”.

O mundo virtual e suas regras são voláteis e efêmeras e isso se deve, em grande parte, pela ausência de controle do discurso projetado no ciberespaço. As regras de convívio na sociedade não se aplicam ao mundo virtual; são próprias e a ausência de conhecimento delas pode trazer problemas.

#### **Referências**

- CASTELLS, Manuel. **A Galaxia da Internet**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- SAAD, Beth. **Estratégias 2.0 para a mídia digital**. São Paulo, SENAC, 2008.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo, ALEPH, 2009.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**. São Paulo, Vozes, 2012.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. São Paulo, Contexto, 2008.
- SANT’ANNA, Affonso R. **Paródia, paráfrase & Cia**. São Paulo, Ática, 2011.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**, São Paulo, 34, 1999.
- BAKHITIN, Mikhail. **Marxismo e a filosofia da linguagem.SP**, Hucitec, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum**, Porto Alegre, Sulina.1997.